

GEOPOLÍTICA DA CATÁSTROFE: O NEPAL ENTRE A DESTRUIÇÃO INTERNA E A INVIABILIDADE ESTRATÉGICA

FERNANDO CESAR BORGES E SILVA



A imprevisibilidade, em qualquer âmbito que seja configurada, permite diversas assimilações sobre seus desdobramentos. Na política, o imprevisto nem sempre é favorável para determinados setores que se beneficiam da situação e da continuidade, porém pode ser absolutamente próspero para aqueles que obstinam mudar a configuração clássica de outrora e lograr para si o benefício da circunstância. Na história, aquilo que não se imagina pode revelar consequências magistrais para o curso dos acontecimentos, transformando a realidade, seja ela pontual ou generalizada. Tal como nas artes, onde o inusitado e o insuspeito podem garantir a excelência dos hábeis ou a ruína dos inaptos.

Com o avanço tecnológico e a necessidade de se reduzir a arbitrariedade na vida humana, diversos métodos de previsão avançam, em larga escala, sobre os contornos da incerteza a respeito dos fenômenos diários. Estatísticas, modelos matemáticos, estudos de padrões e análises quantitativas permitem, em um substrato amplo, prever e alterar resultados que antes eram tidos como sumariamente imprevisíveis. Um desses campos que avançou largamente nos últimos anos foi a meteorologia e a prevenção de desastres naturais. Mas entre a previsão e a prevenção, há um hiato muitas vezes crítico. No dia 25 de

Abril de 2015, o mundo presenciou a verdadeira face desse interstício, resultando em mais de 7.000 óbitos e incalculáveis danos secundários. O Nepal, país que ocupa a 145ª posição no ranking do Índice de Desenvolvimento Humano, sendo o 7º pior IDH da Ásia e Oceania, viu um quarto de sua população ser afetada pelos abalos de um terremoto de magnitude 7,8 na escala Richter.

Mesmo sendo analisado por cientistas do Comissariado de energia atômica e energias alternativas (CEA), da França, que sugerem que eventos sísmicos de tal relevância ocorram de maneira cíclica na região, de modo que terremotos anteriores geram condições propícias para a formação de outros futuros, não foi possível criar um sistema mínimo de contenção de riscos para limitar os efeitos drásticos desencadeados pelo terremoto. Devido à situação econômica pouco próspera do Nepal, os esforços de prevenção de desastres são ainda singelos em termos tecnológicos. Mas a população nepalesa, principalmente no seio das grandes cidades, como é o caso da capital Katmandu, vem sendo educada há algumas décadas para agir em caso de tremores de maior escala. Porém, mesmo com os resquícios de prevenção que timidamente existiam antes do dia 25 de abril, muito pouco pode ser feito e as consequências da catástrofe agora se espal-

ham por todo o modesto país cortado pela nada modesta cordilheira do Himalaia, onde reside soberano o pico mais alto do mundo, o Everest.

No âmago dos esforços de recuperação imediata, diversas nações – boa parte delas com significativa relevância econômica regional e global – se dispuseram a enviar recursos e ajuda para o Nepal, em concordância com as iniciativas da ONU e com os pedidos de suporte expedidos pelas autoridades do país. Os Estados Unidos foram um dos primeiros países a declarar o envio de equipe especializada para o Nepal, tal como um montante financeiro de US\$ 1 milhão de dólares para efetivar os esforços imediatos de resgate. A Índia, país vizinho ao Nepal, logo após a tragédia enviou aviões militares com mantimentos e uma equipe de assistência. O Paquistão enviou, em um primeiro momento, um avião com 30 leitos hospitalares e uma série de mantimentos, além de uma equipe de médicos e especialistas. A China se comprometeu em enviar alguns especialistas para a região e cães treinados para o resgate de vítimas, investimento em infraestrutura de recuperação e equipes médicas (porém o governo nepalês recusou parte do auxílio Chinês). Reino Unido, França, Alemanha, Noruega, Israel, Espanha, União Europeia, Organizações Não Governamentais, agências especializadas e mais uma série de países puseram recursos próprios visando à otimização dos esforços de assistência e solidariedade com a população do Nepal.

Nesse sentido, além de toda a sistematização das políticas de reconstrução e apoio ao Nepal, vale compreender como o terremoto e o enfraquecimento das instituições político-econômicas que o Nepal presenciou nos últimos anos, impacta diretamente na configuração geopolítica da região em que o país se insere. Em âmbito doméstico, o país passa por uma séria reformulação política desencadeada em na transição entre as décadas de 1990 e 2000, com a guerra civil que derrubou a monarquia liderada pelo rei Gyanendra Bir Bikram Shah Dev.

O sistema monárquico é presente no Nepal desde a sua independência do Reino Unido, em 1768. A monarquia vem caindo em desencanto substancial e, em meados da década de 1990, o Partido Comunista nepalês-maoísta, aliado ao Partido do Congresso (as duas legendas de maior importância no país) capitaneiam

uma série de protestos e enfrentamento político em relação ao governo. Ocorreram mudanças no quadro político, com a constituição de uma Monarquia Parlamentarista. Em 1996, o Partido Comunista nepalês-maoísta, munido do desejo de criação de um governo socialista no país, estabelecendo uma guerrilha de resistência dentro do país. Por parte da monarquia, ocorrem diversos acontecimentos que demonstram a fragilidade e o autoritarismo político empregado pelos monarcas, principalmente a partir dos anos 2000, como o assassinato da família real pelo príncipe Diprenda, sua morte e a dissolução do parlamento pelo rei posto Gyanendra. Com a intensificação da resistência por parte da guerrilha de cunho socialista, a guerra civil que se abatera sobre o país resulta em cada vez mais vítimas fatais e desaparecimentos, resultando em uma maior atenção dos órgãos vigilantes dos direitos humanos para o país. Depois de um conflito crítico e um período marcado pela dicotomia entre os monarquistas e grande parte da população, que apoiava o fim da monarquia, em 2008 foi instaurado a sistema republicano no Nepal.

Todo esse processo político revela o quão instável a política doméstica do Nepal se apresenta e como os efeitos do terremoto contribuem para prejudicar ainda mais esse quadro político no país. No setor externo, destaca-se, principalmente, como as grandes potências lidaram diretamente com o conflito nepalês. EUA e Reino Unido pressionaram sumariamente o governo monárquico do rei Gyanendra no sentido de possibilitar a democratização do país. Essa postura dialoga com o crescimento galopante da China na virada do milênio e sua postura de fortalecimento regional como uma potência multilateral.

O Nepal se posiciona na zona de influência imediata da China. O posicionamento do país em relação ao Sul da Ásia se mostra bastante equiparado com seus objetivos de projeção global, trazendo a China como um ator substancialmente competitivo ao poderio ocidental, principalmente do governo de Washington, na região. As relações entre China e Nepal não se limitam as últimas décadas. Desde 1960, a China e a Índia se configuram como as principais nações que mantém contato direto com o Nepal, porém, segundo Tsering Shakya, pesquisador do Institute of Asian Research - University of Brit-

ish Columbia, a população do Nepal, principalmente a elite, tem uma percepção mais positiva do contato com a China em relação à Índia, e isso se dá justamente pelo fato da China se posicionar como uma provedora de tecnologia e se mostrar mais ávida em sua expansão de produtos tecnológicos pela porção sul do continente asiático. Mesmo com essa simpatia no tocante a aproximação tecnológica e cultural com o governo chinês, a recusa de aceitação de certos recursos enviados pelo mesmo ao Nepal revela-se como um receio estratégico do governo de Katmandu no que diz respeito ao crescente expansionismo da influência chinesa. Pelo lado chinês, a opinião em relação ao Nepal é basicamente pautada pela relação assimétrica entre a grande potência econômica e o país que possuiu uma significativa fatia de sua população abaixo da linha da pobreza.

Em termos econômicos, é válida para a China a ajuda na recuperação do Nepal, pois garante de maneira sumária o fortalecimento de um mercado consumidor e a conservação de uma dependência política entre ambas as nações. O pragmatismo internacional que a China emprega em suas relações permite compreender o caráter de pouca significância que a opinião interna do país possui em relação ao Nepal, mesmo com os acontecimentos que abalaram o pequeno país recentemente, porém, no âmbito da política internacional, a forte presença da China como um país influente no Nepal pode ser entendida como um enfrentamento direto a um de seus potenciais rivais continentais, a Índia. O vácuo de atuação da China pode resultar em uma aproximação crescente Nepal-Índia, gerando, por sua vez, um afastamento exponencial das relações com a China e o fortalecimento regional gradativo da Índia como um player forte a atuante no continente asiático.

Em meio a toda essa lógica de atuação, repousa a situação alarmante do Nepal. Um país precário, imerso em uma das piores tragédias de sua história e, mesmo diante de importantes dilemas internos que abrangem todos os setores – desde os mais cruciais, como segurança, energia e comunicação, até os mais pontuais –, precisa pensar em como solucionar suas devidas demandas sem deixar de resguardar sua independência política e econômica, dentro de uma das zonas de influência mais importantes da política global.

BIBLIOGRAFIA

BBC Reino Unido. Em: http://www.bbc.co.uk/portuguese/noticias/2015/04/150425_nepal_terremoto_hb. Acessado em: 23 de maio de 2015.

SHAKYA, Tsering., GURUNG, Ashok. “Was Nepal a Soft Power Victory for China?” Foreign Policy. Em: <http://foreignpolicy.com/2015/05/01/nepal-china-earthquake-aid-taiwan-power/>. Acessado em 29 de maio de 2015.

BBC Reino Unido. Em: http://www.bbc.co.uk/portuguese/noticias/2015/04/150426_nepal_terremoto_padrao_historico_rb. Acessado em: 29 de maio de 2015.

MALAGÓN, Juanita. “Terremoto no Nepal: Tragédia Anunciada?” El País. Em: http://brasil.elpais.com/brasil/2015/04/27/internacional/1430127408_146023.html. Acessado em: 29 de maio de 2015.

EBC Notícias. Em: <http://www.ebc.com.br/noticias/internacional/2015/04/eua-india-e-china-anunciam-envio-de-ajuda-paises-attingidos-por>. Acessado em: 29 de maio de 2015

Folha de São Paulo. Em: <http://www1.folha.uol.com.br/multimedia/videocasts/2015/05/1624650-tragedia-atropelou-processo-politico-no-nepal-diz-embaixadora-a-tv-folha.shtml>. Acessado em: 29 de maio de 2015.

MAIA, Ana Carolina Medeiros. A situação política no Nepal. Conjuntura Internacional, Minas Gerais, n. 11, p. 1-4, 2008.

Nações Unidas no Brasil. Em: <http://nacoesunidas.org/onu-critica-lei-que-preve-anistia-a-graves-violacoes-de-direitos-humanos-no-nepal/>. Acessado em: 29 de maio de 2015.